

Inglês não acreditam que os devedores formem cartel

JOSÉ CARLOS SANTANA
Nosso correspondente

LONDRES — Os resultados da conferência de Acapulco foram publicados pelo Financial Times — diário de leitura obrigatória na City de Londres — em manchete de primeira página. “Latino-americanos agem para reduzir pela metade a carga do serviço da dívida”, foi o título que deram à matéria, apontada por analistas do mercado financeiro como uma das causas da nova e acentuada queda sofrida pelas ações, na Bolsa de Valores.

Os diretores de bancos ouvidos por O Estado fizeram questão de ressaltar que ainda não haviam recebido o texto do comunicado, e que tudo o que sabiam sobre entendimentos na reunião foi o que leram nos jornais. De qualquer forma, reconhecem que “foi o encontro mais significativo que os países devedores realizaram desde a crise mexicana, de 1982.”

Nós estaríamos mentindo se disséssemos que o resultado da conferência foi uma surpresa para nós”, disse um deles. “Certamente que não. Mas é impossível negar também que, embora estivéssemos esperando críticas e uma tomada de posição do grupo, reuniões como essa sempre causam uma certa tensão nos meios financeiros, porque não deixam de ter repercussões, e sempre negativas”.

Alguns jornais mencionam a possibilidade de a conferência de Acapulco ter

assentado as bases de um eventual cartel de devedores, algo que os bancos temem e não gostariam que acontecesse. O analista Tim Clarke, do Citicorp, resumiu o sentimento da comunidade financeira a este respeito quando disse que “o desenvolvimento de um cartel dos latino-americanos teria o efeito de uma bomba atômica no mundo dos banqueiros”.

Contudo, embora concordem que os dirigentes latino-americanos, dessa vez, deram uma demonstração mais clara de unidade, e de maior determinação na luta pela solução do problema dos seus débitos, os banqueiros dizem não acreditar na formação do cartel. Ou pelo menos na criação de uma comissão representativa de todos os oito países, para discutir a dívida de cada um deles.

“Na verdade, o acordo de Cartagena não deixa de ser um elemento de união dos devedores, um documento de criação de uma espécie de cartel, se quiserem usar essa expressão”, comentou um banqueiro. “O que não acreditamos é que países como Brasil, México e Argentina vão entregar a discussão dos seus problemas financeiros a uma comissão estranha. Politicamente, não seria do interesse deles.”

Quanto ao problema da redução dos juros ou das dívidas em si, os banqueiros pediram tempo para examinar o comunicado e os relatórios de seus representantes no México, antes de fazer qualquer declaração.